



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

AS NARRATIVAS ENTRE OS SUJEITOS ADULTOS E CRIANÇAS NUMA ESCOLA INFANTIL DE CRUZ ALTA¹

Priscila Tamis Nunes Marques², Noeli Valentina Weschwnfelder³.

¹ Pesquisa de iniciação científica realizada enquanto bolsista PIBIC/CNPq da Unijuí.

² Bolsista PIBIC/CNPq aluna do 8º período de Pedagogia da Unijuí.

³ Orientadora.

Resumo

Este texto refere-se à pesquisa de iniciação científica desenvolvida a partir do projeto de pesquisa “ELAS” estão no Ensino Fundamental e na Educação Infantil; espaços narrativos e linguagens simbólicas, tendo como orientadora a prof^a Dr^a Noeli Weschenfelder. Como referenciais, contamos com o emergente campo da Sociologia e Antropologia da infância, materiais produzidos ao longo desse projeto e pesquisas realizadas sobre a temática até o momento. A pesquisa deu-se numa escola de Educação Infantil no Município de Cruz Alta, com sujeitos frequentadores da escola. A metodologia inspirada na sociologia e antropologia da infância utiliza a observação participante, com registros em diário de campo, à pesquisa com leve viés etnográfico, e ainda concepção de pesquisa com as crianças e não sobre elas.

Palavras-chave: Espaços narrativos; tempos; educação infantil; pesquisa.

Introdução

No subprojeto desenvolvido por mim “As narrativas entre os sujeitos adultos e crianças, relatos de uma pesquisa em escola infantil” a temática central foi analisar e perceber as narrativas entre adultos e crianças, de que forma isso se dá e qual a importância desses momentos para a constituição destes sujeitos infantis, numa concepção de infância de direitos, participativa e opinativa, na qual as crianças possuem tanto quanto os adultos o direito de serem ouvidas no interior das escolas infantis, bem como de ter suas culturas infantis valorizadas nesse ambiente. A importância de atentar para tais questões é grande, uma vez que os espaços e tempos são constitutivos do currículo da educação da infância e são fundamentais para as crianças pequenas, pois constituem identidades e subjetivam os pequenos. Uma abordagem etnográfica possibilita ao professor/pesquisador, abandonar o olhar etnocêntrico, que “faz do ‘diferente’ um inferior e da diferença uma ‘privação cultural” (DAUSTER, 1996, p.65), possibilitando ainda ao professor conhecer seu aluno com outras lentes, partindo dos conceitos de heterogeneidade e diversidade cultural.

A consideração das crianças como atores sociais de pleno direito, e não como menores ou componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição de suas representações e crenças em sistemas organizados, isso é, em culturas (Sarmiento e Pinto, 1997, p.20). Entendendo a escola como um espaço privilegiado de atuação das crianças, uma vez que passam nessa instituição boa parte de sua infância, indagamos: os profissionais da educação infantil se dão conta de que a criança é capaz de produzir história e cultura? Como a escola tem se inscrito nas histórias dos meninos e meninas que a ela chegam? (KRAMER, 2005, p. 134).

Ao refletir sobre tais questões, percebemos a relevância dessa pesquisa, no que se refere à formação do sujeito desde sua infância, pensa-se muito na atualidade na infância como o clichê “futuro da humanidade”, dessa forma há inúmeras discussões e estudos, as escolas infantis e regulares assumem tal preocupação, incutindo em seu discurso mudanças nos currículos, espaços, tempos, promovendo a valorização da infância, preparando-as melhor para o tão esperado futuro. Mas isso de fato acontece?

Ao inserir-me no cotidiano da escola infantil percebo tal questão como um paradoxo, visão defendida por Sarmiento (1997), do ponto de vista das relações estabelecidas entre os sujeitos (adultos e crianças) nesse ambiente, pois estas se tornam extremamente contraditórias, ao mesmo tempo em que a teoria defende uma visão de infância atuante, a realidade nos mostra o oposto quando nos deparamos com a rigidez das rotinas e dos planejamentos que não contemplam às vezes dos atores sociais.

Enfatizo a idéia de espaço narrativo como defende Andrade (2006), como um lugar que “contrapõe-se a qualquer outro tipo de espaço que permite apenas uma possibilidade de uso”, ou seja, possibilita que os sujeitos que convivem nesse espaço tenham a oportunidade de agir criativa e espontaneamente, um espaço que determina regras, mas não faz delas uma prisão ao bom senso.

Metodologia

Como metodologia, adotamos do emergente campo da Antropologia, a pesquisa com leve viés etnográfico, assim como, embasamo-nos na Sociologia da Infância, da qual incorporamos a pesquisa com as crianças e não sobre elas.

Esta noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista. A pesquisa etnográfica com crianças é uma possibilidade e Graue & Walsh (2003, p. 22) defendem a importância de que os investigadores pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real. (DELGADO; MULLER, 2005, p.353).

As observações ocorreram em diferentes momentos do cotidiano da escola, sendo por vezes no berçário, no maternal e no jardim, e ainda em alguns momentos no horário do almoço onde as educadoras e as crianças da escola se encontram no refeitório e momentos do pátio onde há esse encontro entre todos.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Utilizamos ainda algumas perguntas desencadeadoras para instigar os adultos e as crianças maiores a dialogar conosco a cerca de algumas questões pertinentes a pesquisa: (para os adultos) Como você pensa a infância? Como você acha que os tempos e espaços devem ser organizados na E. I? (para as crianças) Qual local mais gosta na escola? Se fosse me apresentar onde me levaria primeiro? E depois? O que você mais gosta, e o que não gosta na escola?

Tais perguntas serviram para melhor analisar os dados coletados, estabelecendo tendências identificadas e/ou explicitar hipóteses interpretativas acerca das respostas obtidas. Saliento que essas perguntas não se encerraram nela mesmas, configurando-se apenas em um roteiro para a pesquisa, portanto, após estabelecido o diálogo, deixei a conversa acontecer, para assim melhor percebê-los, através de sua espontaneidade e desprendimento.

Resultados e Discussão

A pesquisa se deu numa escola, situada na periferia urbana da cidade de Cruz Alta, as crianças frequentadoras deste espaço são moradoras do bairro, em sua maioria oriundas de famílias em situação de vulnerabilidade social extrema, muitas recebem acompanhamento de assistentes sociais e psicólogos através do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) na região.

Após meu primeiro semestre como bolsista, dei início a etapa final do projeto com muito entusiasmo, dediquei-me a outras leituras, estudos mais aprofundados sobre o tema narrativas, que me fizeram abrir os horizontes e expandir minhas idéias a outros paradigmas teóricos, conhecendo autores como o Português Manuel Jacinto Sarmiento, o qual nos trás os estudos do campo da Sociologia da Infância, entre outros brasileiros pioneiros na pesquisa sobre as narrativas, culturas da infância e diversidade de culturas infantis, como: Daniela Andrade, Andrea Moruzzi, Ana Cristina Delgado e Fernanda Muller, entre outros.

Tais leituras e estudos me fizeram refletir muito acerca dos objetivos propostos nesse projeto, no que se refere à análise das práticas discursivas como construtoras de sentido e significados. Pois esses sentidos e significados são construídos dialogicamente, logo, nas narrativas presentes no cotidiano da escola infantil, na qualidade e na quantidade desses espaços narrativos. Esse foi o ponto de partida dessa jornada de pesquisa.

Pensando no fato de que os conteúdos das identidades (gênero, geração, profissão, classe social, etnia, sexualidade, urbanidade, religiosidade, por exemplo) como sentidos são construídos discursivamente, parti para a observação na escola, buscando evidenciar aqui esses momentos de dialogicidade recorrentes nesse dia-a-dia observado e cuidadosamente registrado em diário de campo.

Diferentemente da etapa anterior, na qual concentrei-me em observar o cotidiano das crianças frequentadoras da escola, nesse momento procurei inserir-me na rotina da escola como um todo, participando efetivamente dos momentos importantes de relação entre os sujeitos da instituição, pontuando e analisando os aspectos relevantes a pesquisa.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Ao observar os sujeitos da escola em diversas situações, espaços e tempos, ressaltamos alguns momentos cruciais de interação entre os sujeitos: a praça e/ou pátio, as refeições no refeitório e as salas de aula.

O primeiro momento destacado é o do pátio e/ou praça, nesse espaço reservado a brincadeira livre, ao lúdico e ao movimento, as crianças decidem as brincadeiras, escolhem seus pares e espaços, tendo vez por outra a intervenção da professora no intuito de conter desentendimentos e evitar acidentes. As crianças circulam livremente pelo espaço, sendo esse o único momento de contato entre todas as crianças da escola (todas as turmas) as narrativas afloram naturalmente, qualquer grupo formado pelas crianças, sejam elas da mesma faixa etária ou não, está de alguma forma em contato com a narrativa, compartilhando, criando e transformando suas imaginações, linguagens, culturas e sentidos.

Esse espaço configura-se em um lugar prazeroso as crianças, pois nele é possível que estas atuem como sujeitos de suas escolhas e participativos nas situações de brincadeiras, definindo com o grupo as regras, os tempos e os espaços, assim como as formas de exploração dos materiais disponíveis e a divisão dos mesmos. Nesse momento os sujeitos infantis vivenciam na forma de brincadeira, seu desenvolvimento individual e coletivo, bem como as marcações sociais que a cultura dominante impõe as crianças da periferia.

Entretanto constatamos também que nesse espaço tão rico de experiências narrativas entre as crianças, pouco acrescenta na relação dialógica entre estas e os adultos cuidadores, enquanto as crianças brincam e constroem seu universo narrativo, as professoras se concentram em um lugar sentadas ou em pé, afim de “cuidar para que as crianças não se machuquem e nem briguem”, durante este tempo conversam entre si sobre diversos assuntos (dinheiro, família, a escola, os alunos, as famílias), contudo não compartilham do momento de interação com as crianças, e o mais grave, desconhecem a importância deste para a constituição subjetiva dos sujeitos infantis.

Outro momento significativo para a pesquisa são refeições, estas acontecem no espaço do refeitório, nesse local existem duas mesas grandes e uma mesa redonda pequena, as crianças concentram-se em uma mesa grande e se faltar lugar, acomodam-se na pequena, a outra mesa grande é para as professoras e funcionários almoçarem. No momento do almoço e lanche, uma professora da turma que esta se alimentado “cuida” as crianças para que não façam bagunça demais, enquanto a outra se senta na outra mesa para fazer a refeição (isso acontece porque cada turma possui duas professoras) com os demais adultos. Nesse momento o único diálogo existente entre as crianças e os adultos é para repreendê-los pelo barulho demais e bagunça, pois a “hora da refeição deve ser em silêncio”, entretanto, na mesa ao lado, onde estão os adultos, há muita conversa, sobre assuntos variados (novelas, notícias, política), olham revistas e dão risada.

Em muitas situações nas escolas o silêncio da criança é visto como sinal de obediência e disciplina, porém, reflete uma pedagogia que não valoriza a criança e suas manifestações, que prefere o silêncio, ao movimento, a acomodação se torna confortável e as metodologias utilizadas pelos profissionais vão de encontro a concepções que dão ênfase ao conteúdo e a rotinização da infância.



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

Numa descrição de Batista (1997) “a rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido”, defende que a rotina está a serviço do burocrático pressuposto adulto de ordem, inserida em uma sociedade extremamente competitiva. Nesse processo a criança cria verdadeiras “válvulas de escape”, formas de transgredir essas regras impostas pelos adultos e que para elas, não fazem nenhum sentido.

A cultura da infância nos obriga a rever o absolutismo do pensamento, a intolerância das práticas discriminatórias, a considerar as possibilidades de um trânsito entre competências e sujeitos diversos, mas, nem por isso, hierarquizáveis e desiguais. (GUSMÃO, 1999, p.52).

As salas de aula representam também espaços relevantes à pesquisa, nesse ambiente as crianças e os professores passam grande parte do dia, agem nele, agregando sentidos e transformando-o diariamente. Constatamos que ainda há certa ausência de “trocas linguageiras” nas interações entre adultos e crianças na instituição infantil, de maneira a ficar explícito certa renúncia do ato de conversar ao longo dos anos na escola, ou seja, na turma de berçário na qual as crianças não possuem ainda uma linguagem oral bem estruturada. Observamos que as crianças pequenas têm a possibilidade de explorar outras formas de comunicação como o choro, riso, olhares, gritos, mordidas, expressões corporais, embalo rítmico, etc., tanto para com os adultos/cuidadores como para com as demais crianças. Os espaços narrativos ainda existem e observamos grande esforço por parte das profissionais, quando se preocupam em incentivar a linguagem, através de músicas e histórias. Contudo, em se tratando dos tempos e espaços, acreditamos que poderiam ser mais bem aproveitados no que se refere à organização dos mesmos, sendo respeitados as necessidades e os ritmos das crianças.

Nas turmas de maternal e jardim, percebemos que os espaços narrativos bem como a interação entre os sujeitos infantis e adultos diminuem, com o passar das etapas, o número de crianças aumenta e as salas não suportam tantas crianças. Há uma enorme dificuldade de interação, principalmente no maternal onde as crianças não possuem linguagem bem desenvolvida, sendo criados poucos momentos de narrativas dentro da rígida rotina, ficando estes a mercê do acaso, em alguma brincadeira de iniciativa das crianças, mas que não é reconhecido como importante pelas educadoras.

Na etapa seguinte, no jardim, há um avanço na capacidade de comunicação das crianças, estas já articulam idéias e conseguem se fazer entender. O ambiente é bem diferente das demais turmas, aqui há muito barulho, a conversa entre as crianças está presente em todos os momentos, seja comentando a atividade que estão realizando, seja compartilhando novidades e fatos que aconteceram com o coletivo. As educadoras por vezes chamam a atenção das crianças, por acharem que “a conversa esta demais”, entretanto o silêncio dura poucos instantes. Apesar desse aparente aspecto de maior espaço para as narrativas, estas já não acontecem entre os adultos e crianças, pois nos momentos de conversa as crianças conversam entre si e as educadoras não participam deste diálogo.

Percebemos que os planejamentos na escola não levam em consideração os interesses e anseios das crianças, suas vozes e direitos não possuem relevância . Não há uma



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

preocupação em adotar uma pedagogia de projetos que articule as áreas do conhecimento, ao contrário, os eixos norteadores dos projetos muitas vezes se baseiam em datas comemorativas.

“Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência capazes de produzir sentidos e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos (...) trata-se de romper com concepções que avaliam as suas ações e conhecimentos como imperfeitos e em erro, considerando-as como atores superficiais”. (Ferreira, 2008, p. 147).

Conclusões

Dentre tantas reflexões feitas ao longo deste texto destacamos por fim o paradigma da Sociologia da Infância, que contribui para pensarmos uma “Pedagogia mais voltada para a Infância e o abandono do paradigma da criança objeto”, pois a infância é uma construção social; é variável e não pode ser inteiramente separada de outras variáveis como classe social, o sexo ou o pertencimento étnico; as relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si; as crianças são e devem ser estudadas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam; os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância; a infância é um fenômeno no qual se encontra a “dupla hermenêutica das ciências sociais evidenciadas por Giddens, ou seja, proclamar o novo paradigma no estudo da infância é se engajar num processo de reconstrução da criança e da sociedade” (PROUT e JAMES, apud SARMENTO, 2008, p. 24).

A partir das discussões depreendemos que as pesquisas no campo das culturas e narrativas infantis, espaços e tempos nas escolas infantis, possuem grande relevância para que possamos aos poucos mudar as concepções dominantes hoje dentro das instituições, posturas e idéias que silenciam as crianças e que as padronizam conforme a cultura de uma sociedade capitalista e massificante.

Agradecimentos

Agradeço especialmente ao curso de Pedagogia da Unijuí, a reitoria desta casa, por ter me concedido oportunidade única de crescer enquanto acadêmica do curso e futura pedagoga. Agradeço ainda ao CNPq pela ajuda e respaldo durante a realização da pesquisa, à escola onde a pesquisa se deu por ter aberto o espaço para que esta pudesse acontecer, bem como a colegas e demais professores do curso e a minha família.

Referências

- ANDRADE, Daniela. Escola como espaço narrativo, ou não: um estudo em representações sociais. In: Espaço narrativo na escola: um estudo em representações sociais. 2006.
- BATISTA, Rosa (1998). A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado.
- DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças. In: Revista de Ciência da Educação. Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças. v.26. Campinas: Educ. Editora: Cedes, maio./ago. 2005, p. 351-360.





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 SIC - XIX Seminário de Iniciação Científica

- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. Branco demasiado branco...reflexões epistemológicas, metodológicas e ética a cerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares (orgs.). Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. In cadernos de Pesquisa, nº107, julho/1999.
- KRAMER, Sonia (org). Profissionais de educação infantil: gestão e formação. São Paulo, Ática, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.